

A VISÃO SUBJETIVA DA FELICIDADE DE CECÍLIA MEIRELES EM “A ARTE DE SER FELIZ”¹

Daniela A. de Melo Costa - IFSudesteMG
Ozana A. Sacramento (Orientadora) - IFSudesteMG

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo uma análise da crônica “A arte de ser feliz” de Cecília Meireles, bem como uma interpretação do que para a enunciativa é a felicidade. Assim sendo, este artigo vai se pautar na subjetividade do olhar da protagonista da crônica diante de sua janela, esta que na crônica cecilianiana, adquire um grande significado, pois reproduz a divisão de dois mundos. Ela é, assim dizendo, a precursora das sensações de prazer da protagonista, isso porque, ela diante da sua própria janela, observa tudo o que há de mais simples no mundo, considerando dessa forma, as plantas, as aves as crianças e o gesto dos homens. Dessa maneira, ela se comunica de forma indireta com tudo aquilo que está de fora dela, sendo que, suas sensações e impressões, são todas transmitidas e sentidas diante dessa “fronteira” que o separa do mundo externo. Há, portanto, uma busca pela singeleza das coisas, dos seres, e principalmente da natureza. Baseando nesta análise, pretende-se compreender que, o que se vê diante da janela, na crônica, é individual e subjetivo, é uma felicidade interna e particular de cada indivíduo, pois, para assim tê-la, não basta somente reparar as coisas do alto, mas sim, ir além e a fundo naquilo que se observa. A felicidade, pois, está dentro de cada um, precisa-se de um esforço pessoal e íntimo para que elas sejam vistas por todos.

Palavras-chave: *subjetividade, janela, felicidade.*

1. INTRODUÇÃO

Cecília Meireles (1901-1964) foi uma grande poetisa, além de professora, jornalista e pintora brasileira. Teve mais de cinquenta obras publicadas e foi a primeira mulher de grande destaque na literatura brasileira. A sua escrita destaca-se pela simplicidade das palavras, e subjetividade dos temas, estreitando assim a distância do leitor para com suas obras. MENDES e TEIXEIRA, em um artigo intitulado, “O exercício cronístico de Cecília Meireles: entre o lirismo e a crítica” sobre a crônica Cecilianiana, afirmam:

De maneira geral, a crônica de Cecília Meireles não foge às características intrínsecas do gênero, cultivando uma escrita marcada pela brevidade textual, priorizando um discurso de caráter mais próximo da oralidade, mantendo um diálogo com o leitor e registrando fatos do cotidiano, a autora transforma “trivialidades” em motivo literário”. (MENDES; TEIXEIRA, 2009.p.7).

Como ressaltam Mendes e Teixeira, o texto ceciliano é considerado como pertencente ao gênero textual crônica e tal gênero tem sido alvo de vários

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Subjetividade e experiência: Literatura, política e desenvolvimento (GT1) da VIII semana de Pesquisa e extensão e III semana de Ciências Sociais da UEMG/Barbacena.

estudiosos durante décadas. Dentre eles, podemos destacar Eduardo Portela, Massaud Moisés. Durante muito tempo, esse gênero foi considerado menor até mesmo por ser veiculado na imprensa escrita e conseqüentemente ter a mesma vida curta de todo o conteúdo jornalístico.

Antônio Candido, em “A vida ao rés-do-chão”, discutindo o sentido de “gênero menor” atribuído à crônica, assevera que não se pode vislumbrar uma “literatura feita de grandes cronistas”, e também não se “pensaria em atribuir um prêmio nobel a um cronista”. Em seu estudo, Candido ainda assegura que, no texto cronístico, “tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos (...)”. E o crítico continua “a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas (...)” (CANDIDO, *passim*).

Assim, o cronista, escreve a partir do rés do chão, ou seja, a sua matéria são as miudezas do cotidiano, os pequenos eventos e gestos. E em função da sua brevidade e da temática do simples e do pequeno, a crônica não lança mão de um tom grandiloquente, elevado, ou muitas figuras e adjetivos. Mas isso não impede que o texto da crônica seja belo e profundo e nem mesmo se isenta de discutir assuntos muito sérios.

José Marques de Melo (1985), ao comentar a classificação da crônica feita por Antônio Cândido (1989), observa que “Sem a pretensão de criar categorias, mas tão-somente destacar diferenças entre os modernos cronistas brasileiros, Antônio Cândido sugere a seguinte classificação: Crônica-diálogo – onde o cronista e seu interlocutor imaginário se revezam, intercambiando informações e pontos de vistas; exemplos: Gravador (Carlos Drummond de Andrade) e Conversinha mineira (Fernando Sabino); Crônica narrativa – tem certa estrutura de ficção, marchando rumo ao conto; Crônica exposição poética – divagação livre sobre um fato ou personagem; cadeia de associações; Crônica biografia lírica narra poeticamente a vida de alguém.”(MELO, 1985, p. 118)

Considerando essa classificação de Candido, resenhada por Melo, diríamos que “Arte de ser feliz” se enquadraria na categoria “Crônica exposição poética”, visto que o que ocorre no texto ceciliano são reflexões nascidas de pequenas cenas vistas de suas janelas.

Em a “A arte de ser feliz”, o que se percebe como primordial, é a busca e o reconhecimento da felicidade. Da sua janela a narradora se atenta a tudo o que a rodeia, e é nessa observância que ela procura enxergar as belezas da vida. A janela, assim sendo, é a “porta de entrada” para um novo mundo, mundo este que, só pode ser visto por aqueles que admiram as coisas simples e singelas.

2. A JANELA COMO “FRONTEIRA” ENTRE A ENUNCIADORA E O MUNDO, O INTERNO E O EXTERNO.

Na crônica cecilianiana, verifica-se que a janela apresenta um grande significado, pois ela reproduz a divisão de dois mundos. De um lado, um ser que se encontra sozinho com seus pensamentos e sua individualidade, e do outro, um mundo composto de coisas, natureza e seres que se encontram postas no mundo e seguem seu rumo. Desta maneira, pode-se entender que, a enunciativa a qual se encontra no interior da janela, comunica-se de forma indireta com tudo aquilo que está de fora dela, sendo que, suas comoções, são todas transmitidas e sentidas diante dessa “fronteira” que a separa do mundo externo.

O olhar da personagem é desse modo, o ponto chave da sua observação, isso porque, ela se coloca disposta a interagir com o que está fora da janela. O importante aqui é ressaltar a valia do “olhar”, este que é individual e subjetivo, para se tê-lo, assim como a enunciativa, não basta somente reparar as coisas do alto, mas sim, ir além e a fundo naquilo que se vê.

A protagonista da crônica, busca na singeleza das coisas o seu reconhecimento no mundo, e assim a sua felicidade, pois para ela, estar diante de tantas coisas belas, “borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar” (MEIRELES, 2005), faz com que ela se sinta feliz.

A felicidade, pois, está dentro de cada um, precisa-se de um esforço pessoal e íntimo para que essas “pequenas coisas” sejam vistas por todos e não somente pela enunciativa. Na crônica, nota-se a dúvida das outras pessoas diante “dessas pequenas felicidades certas” (MEIRELES, 2005) que a narradora relata sentir, isso porque, muitos ainda não acreditam que podem enxergar além do simplório:

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem,

outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim". (MEIRELES,2005).

Observando o trecho da crônica percebe-se que, não basta apenas olhar para sentir essa felicidade, deve-se, além disso, apreciar e acima de tudo contemplar o que se está vendo. Esse olhar contemplativo da protagonista pode ser visto por todos, uma vez que todos possuem suas janelas, basta simplesmente que se cultive o exercício da aprendizagem do olhar, e a interpretação diante das cenas e das ações dos homens, estas que, por mais rudimentares que sejam, representam muito para um ser que aprecia.

O “saber olhar” é, portanto, fundamental para que todos vejam essas belezas, cabe somente a cada pessoa, a busca constante pelo prazer de enxergar as coisas boas, no entanto, para que isso aconteça, deve-se ter inspiração e entusiasmo interno, pois só assim, se conhecerá o sabor da felicidade. Trata-se de realizar cotidianamente esse exercício de olhar.

Importante também considerar o termo janela reiterado na crônica de Cecilia Meireles. Segundo Soares:

[...]o termo, cuja etimologia está atrelada ao deus latino Jano, possuidor de duas faces que lhe permitiam olhar para o futuro e também para o passado, designou uma abertura feita na parede [...] Certamente, o novo objeto passou com facilidade a oferecer uma outra utilização: por meio do vão, podia-se avistar o outro lado, o de fora. E mais, o de fora poderia avistar o de dentro. A partir do momento em que tal abertura adquire, também, a finalidade de ser um “meio de ver”, torna-se obrigatória, conseqüentemente, uma leitura, também, do olhar. (2004, p.3)

Soares continua suas considerações:

Tendo o mundo como o maior palco a céu aberto para ser contemplado, conhecido, reconhecido e explorado, o homem emoldura o olhar em todas as janelas existentes e cria muitas outras para ver não apenas o que dele está próximo e íntimo, mas também tudo aquilo que, longe e externo, [...] as janelas do olhar possibilitam a total interação entre o mundo interno e o externo. Olhares poéticos, artísticos, religiosos, ideológicos, filosóficos, psicológicos, científicos percebem, captam e analisam fenômenos diversos, atribuem-lhes significação, buscam novas formas de representação, de cognição, transformam o mundo, a sociedade. (2004, p.4)

Isso dito, fica explícita a relação ente olhar, janela e fronteira, pois tanto os olhos quanto as janelas constituem-se em espaços de fronteira, espaço intersticial entre o dentro e o fora, o objetivo e subjetivo.

O CONCEITO DE FELICIDADE SEGUNDO A CRÔNICA

É interessante notar que o conceito de felicidade trazido na crônica se distancia totalmente do conceito que muitas pessoas têm dela. Desse modo, para a enunciativa a felicidade se encontra nas pequenas coisas, estas que, muitos talvez, passassem despercebidos por elas durante o dia a dia.

No entanto, para a protagonista, essa felicidade assim dizendo, é algo mágico e de extrema relevância, ao ser comparado com um mundo no qual o que mais se presencia é o consumismo exacerbado, a ganância, a ambição pelo dinheiro e a inveja pelo o que é do outro. Fugindo dessa lógica consumista que rege o mundo, a felicidade proposta na crônica procura ir além da matéria, distanciando assim de tudo aquilo que necessita ter para se dizer que é feliz.

Gilcerlândia Nunes, em uma resenha sobre o livro “A Felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo”, de LIPOVETSKY, afirma que “enquanto se tem à disposição mais possibilidades de satisfações, mais inacessível parece estar a felicidade do indivíduo hiperconsumidor”. Assim sendo, tal citação ser comparada com as pessoas que na crônica diferentemente da protagonista, não enxergam a felicidade diante de suas janelas, tendo em vista que, elas devem estar presas ao consumo do mercado, não querendo assim, ver as coisas muito simples que são “felicidades certas” (MEIRELES, 2005) da vida, para então dar lugar ao hiperconsumo caracterizado pelo filósofo francês.

Logo, escapando do senso comum que só percebe a felicidade como a satisfação de um desejo de consumo que se efetiva na aquisição de um bem material, o conceito de felicidade, na crônica passa por um deslocamento. No caso, um deslocamento dos saberes, pois “é aprender a olhar” (MEIRELES, 2005). Trata-se de uma mudança de direção o olhar, não se olha vitrines de lojas e nem comerciais de bens de consumo, mas direciona-se o olhar para além dos valores materiais e se enxerga algo que é sublime e perene, invisíveis para olhos que ainda não aprenderam a ver. As janelas, das quais se lança olhares, para muitos, são as vitrines dos magazines. A distância entre o dentro e o fora é monetária e pode ser colocada nos seguintes termos: possuir e não possuir.

3. A FORTE PRESENÇA DA NATUREZA DIANTE DA JANELA

A natureza, assim como já foi citado, é de muita relevância diante da janela da enunciativa. Ela do alto, observa um homem que habitualmente, faz com que cada gota de água mantenha vivo um jardim de plantas. É importante ressaltar que o jardineiro não rega alimentos, que posteriormente poderiam servir para o consumo, aqui, ele rega flores de um jardim que serve pura e simplesmente para enfeitar as ruas, para o deleite do olhar:

“Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde, e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz”. (MEIRELES 2005).

Há, portanto, uma dimensão estética da natureza, esta que, deve ser constantemente regada pelos homens para que assim, possa ser fruto da felicidade de quem as vê com olhos sábios. Dessa forma, a subjetividade da enunciativa, baseia-se na frase atribuída a Leonardo da Vinci “os olhos são a janela da alma”, pois é através de seus olhos sábios, que a protagonista vislumbra o que vê, e resgata da sua alma, o seu estado de espírito enquanto pessoa dentro do mundo, recuperando o que é inerente e subjetivo ao si mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise da crônica “A arte de ser feliz” de Cecilia Meireles, pode-se perceber o quanto a enunciativa se caracteriza com temas subjetivos, tais como a felicidade interna, esta que é particular de cada indivíduo, e que na crônica pode-se evidenciar a dificuldade de algumas pessoas em encontrar essa felicidade, além da elevação dos elementos natureza como algo mágico e de grande importância diante da janela.

A janela, na crônica é, portanto, a precursora das sensações de prazer da autora, isso porque, ela diante da sua janela, observa tudo o que há de mais simples no mundo, considerando dessa forma, as plantas, as aves as crianças e o gesto dos homens. Para ela, essas pequenas coisas são felicidades certas da vida, uma vez

que, cabe a cada um enxergar da sua própria janela, a felicidade que a protagonista nos leva sentir junta com ela.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. In CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 14 e 20.

MEIRELES, Cecília. **A arte de ser feliz**. 2005. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/MjzNTMw/> Acesso em: 23/09/2015

MENDES, Karla Renata; TEIXEIRA, Nírcia Cecília Ribas Borges. **O exercício cronístico de Cecília Meireles: entre o lirismo e a crítica**. 2009. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/130/12>. Acesso em: 09/07/2015

MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

NUNES, Gilcerlândia Pinheiro Almeida. **Resenha sobre o livro: “A Felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo”, de LIPOVETSKY**. 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/05/pdf/le01.pdf>. Acesso em: 09/07/2015

SOARES, Renata Ribeiro Gomes de Queiroz. **Janela: um signo que se abre em indiscretas janelas de significação Uma leitura semiótica do signo “janela” a partir do filme “Janela indiscreta”**. Disponível em: <http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/viewFile/1580/768>. Acesso em: 09/07/2015.